

Medicina - quando os olhos se abrem para o racismo

Medicina – when the eyes open to racism



ISSN 2358-7180

Carlos Eduardo Merss¹, Juliana Garcia Lisboa², Otávio Augusto Scariotto³

RESUMO

A formação médica perpassa vários valores que, no Brasil, são predominantemente conservadores. Cursos de medicina antigos e ainda dominados por uma elite branca, de classe média-alta, são os principais fatores por trás desta característica. Entretanto, quando a arte imita a vida, vêm à tona representações de uma realidade feia que fazem refletir: deveria ser assim? “M-8 - Quando a morte socorre a vida”, de Jeferson De, traz à luz do cinema nacional o racismo e a intolerância religiosa que habitam as elites, neste caso, as elites que ocupam as vagas dos cursos de Medicina. Quando esse status quo é afetado pela política de cotas, os preconceitos emergem de forma ainda mais escancarada. O que se segue, então, são os atravessamentos da vida pessoal e acadêmica, que se entrelaçam em desafios e angústias importantes. Essa é a história de Maurício, protagonista do filme, menino negro, recém-aprovado, pela política de cotas, num curso pleonasticamente elitizado, de Medicina. A presente resenha, escrita por três estudantes de Medicina que assistiram, debateram e refletiram sobre o filme, propõe-se a correlacionar o que aparece nas telas com o que há por trás delas.

ABSTRACT

Medical education permeates several values that, in Brazil, are predominantly conservative. Old medicine courses, still dominated by a white, middle-upper class elite, are the main factors behind this characteristic. However, when art imitates life, representations of an ugly reality come to light that make one reflect: should it be like this? “M-8 - When death helps life”, by Jeferson De, brings to the light of national cinema the racism and religious intolerance that inhabit the elites, in this case, the elites that occupy vacancies in Medicine courses. When this status quo is affected by the policy of quotas, prejudices emerge even more openly. What follows, then, are the crossings of personal and academic life, which intertwine in important challenges and anxieties. This is the story of Maurício, the protagonist of the film, a black boy, recently approved, by the policy of quotas, in a pleonastically elitist course in Medicine. The present review, written by three medical students who watched, debated and reflected on the film, proposes to correlate what appears on the screens with what is behind them.

¹ Acadêmico de Medicina da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Campus de Toledo. Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: mdmors@outlook.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1805-0378>

² Acadêmica de Medicina da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Campus de Toledo. Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: juliana.lisboa@ufpr.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0324-7637>

³ Acadêmico de Medicina da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Campus de Toledo. Toledo, Paraná, Brasil. E-mail: otavioscariotto@outlook.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5470-3594>

“M-8 – Quando a morte socorre a vida”

Quão inclusiva, equânime, tolerante, empática, antilesbomobitransfóbica, antirracista, diversa e justa é a formação das médicas e dos médicos no Brasil? Por vezes, esses são temas abordados nas salas de aula dos cursos de Medicina, de forma mais ou menos presente e mais ou menos adequada, mas que nem sempre se transportam para o “mundo lá fora”. Para a população que acessará (ou não) as salas de aula, os consultórios ou, de modo geral, as políticas e conhecimentos adquiridos por esses profissionais.

Diante dessa pretensa diversidade e inclusão, como se compreendem e se acolhem a espiritualidade, religião e crença dos envolvidos neste processo? Os estudantes por eles próprios, por seus pares e pelos seus professores? Mais uma vez, discussões usualmente pontuais e isoladas, sempre se encerrando na prática assistencial, mas que não costumam ter um olhar para o próprio ambiente onde acontecem, invisibilizando culturas, valores e princípios de educandos e educadores.

“M-8 – Quando a morte socorre a vida”, de Jeferson De, filme lançado em dezembro de 2020, escancara dolorosamente essas questões no contexto da educação médica brasileira. O presente trabalho, portanto, propõe-se a apresentar uma resenha do filme, elaborada por três acadêmicos de medicina, a partir de análise crítica, debates e reflexões dos elementos socioculturais, econômicos e políticos abordados na produção cinematográfica que se relacionam com o atendimento em saúde e com a educação médica. O objetivo é incorporar essas reflexões fora das telas, na realidade dos estudantes de medicina, em sua formação acadêmica e na prática médica.

Baseado no livro homônimo de Salomão Polakiewicz e vencedor do prêmio pelo público de “Melhor filme de ficção” no Festival do Rio de 2019, o longa atravessa as experiências de muitas e muitos estudantes de medicina que, ao ingressarem na faculdade, veem-se diante de práticas desumanizadas, tecnocratas e mecanicistas, no melhor estilo do enunciado: “o médico precisa ser frio”, ou, “o médico não pode demonstrar seus sentimentos”.

Sem nome, sem família, sem lar e sem descanso, M-8, que dá nome à produção, é a identificação do cadáver negro que desperta esse turbilhão de sensações em Maurício, o protagonista, interpretado por Juan Paiva, calouro num curso de medicina, o único estudante negro e periférico de sua turma. Maurício chega tarde ao primeiro dia de aula, vindo de sua comunidade em transporte coletivo, e entra na faculdade correndo,

procurando pelo laboratório de anatomia. Ao chegar à sala, já atrasado, os únicos corpos negros no cômodo, até então, estavam nus e frios, estirados nas bancadas, objetos de estudo de todos os presentes ali, inclusive dele.

Ao final daquele momento de tensão e angústia, um dos colegas de Maurício o aborda, pedindo que ele “guardasse seus materiais”, inferindo que o protagonista era funcionário dali, evidentemente pelo fato de ele ser negro. Esse mesmo colega, ao longo de todo o filme, humilha Maurício por ser cotista e da periferia, reforçando o racismo tão estrutural e estruturante numa graduação elitista como é a de Medicina. Simultaneamente, entram dois zeladores na sala, ambos de pele negra. “Você não acha estranho que só exista eu aqui de negro? Tenho mais a ver com os corpos da aula de anatomia do que com meus colegas” é o questionamento de Maurício para um deles. Além do protagonista e dos cadáveres estudados nas aulas, torna-se evidente ao longo do filme que os outros únicos personagens negros são funcionários da limpeza, segurança e administração, enquanto os médicos e professores são brancos, o que ilustra a realidade brasileira dos espaços que historicamente são reservados para as diferentes cores e tons de pele.

Ao retornar para casa, Maurício se vê inserido num cenário muito comum nas favelas brasileiras: uma família constituída por uma mãe preta, solteira, e seu/s filho/s (VELASCO, TEIXEIRA; 2020) – é o caso dele, cujo pai sequer é citado durante o filme. Tal estrutura familiar protagonizada não é individual, mas um contexto naturalizado no Brasil, especialmente para as famílias pobres e pretas. Segundo pesquisa feita pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Brasil) em 2021, só de janeiro a abril, 56,9 mil bebês não tiveram o pai reconhecido na certidão de nascimento, o maior número em comparação com o mesmo período de anos anteriores. Proporcionalmente ao aumento do abandono paterno, cresce também a quantidade de mulheres chefes de família, que de 1995 para 2009 aumentou em torno de nove vezes (IPEA, 2011).

Sozinho em boa parte de seu tempo em casa, visto que a mãe, Cida, auxiliar de enfermagem, passa o dia no trabalho, ele se vê elaborando suas reflexões e angústias acerca de seu pertencimento (ou não) nos diferentes espaços. Em uma cena potente, ao discutir suas dificuldades com a mãe e interrompê-la em sua fala, ela grita “Cala a sua boca que sou uma mulher preta falando. Não me interrompa!”. Demonstrando, mais uma vez, a força que a sociedade a obrigou a construir e a obriga a perpetuar, tendo, sozinha, de criar um filho e sustentar a ambos em meio à solidão da mulher negra. Segundo o

IBGE, em 2021, os lares formados por mulheres pretas ou pardas como responsáveis, sem cônjuge e com filhos menores de 14 anos de idade foram os que concentraram a maior incidência de pobreza.

Envolvido por um cenário histórico, social e político integralmente adverso, de direitos sociais tão violados, como é recorrente no Brasil (MELO, 2019), o mecanismo que possibilitou a Maurício o acesso a esse novo universo – da graduação, especialmente de medicina – foi a política de cotas raciais, regida pela lei nº 12.711 de 2012. Embora ainda longe do ideal, o cenário do ensino superior tem mudado pouco a pouco, sendo que, em 2019, as universidades públicas contavam, pela primeira vez, com mais estudantes negros do que brancos (IBGE, 2019).

Mas a partir de então, como se forma um médico negro quando seu corpo e sua história se identificam mais com os cadáveres do que com o imaginário de ser um profissional médico? Como prestar atenção na aula de anatomia quando facilmente se é transportado para o pensamento de que o objeto de estudo a ser dissecado poderia ser você? Inserido agora no “universo da medicina”, a alegria inicial de calouro logo é substituída por desânimo e indiferença frente às atividades do curso. Maurício parece dividido e pertencente a lugar nenhum. Não lhe cabe a posição de acadêmico de medicina, ambiente majoritariamente branco, sendo ele o único aluno negro da turma; já é visto com outros olhos em sua comunidade (como quando sua madrinha lhe pede para ver seus exames); e também não há espaço para sua religiosidade dentro da rotina da faculdade.

Maurício não consegue se concentrar nos estudos anatômicos que, escancaradamente, parecem representar a branquitude avaliando, de uma posição de privilégio, a negritude que, apesar de não constar nos livros de anatomia, é maioria nas mesas de dissecação. Também passa a deixar de lado suas práticas espirituais, de matriz africana e majoritariamente negra, enfrentando uma crise de identidade. Além do não-pertencimento sentido no ambiente acadêmico, essa sensação se transporta para fora da sala de aula, e Maurício também deixa de pertencer ao seu terreiro, recusando-se a frequentá-lo.

Afinal, quão compatível é a prática espiritual (no caso de Maurício, religiosa) com o universo biomédico da graduação em Medicina? O modelo mecanicista e o conceito de saúde como ausência de doença vêm sendo substituídos pela visão integral do paciente e o modelo de promoção de saúde a partir do entendimento da determinação social do processo de saúde-doença e cuidado. Apesar dessa mudança de paradigma, evidente nos

documentos norteadores da formação médica (BRASIL, 2014), a vivência e o ensino da profissão médica não acompanharam os avanços teóricos, permanecendo fixados na dedicação vital ao “sacerdócio da Medicina” e no distanciamento do médico como pessoa, bem como no distanciamento de seus conhecimentos acerca de qualquer prática não ocidental.

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), por exemplo, são reconhecidas e disponíveis pelo Sistema Único de Saúde (SUS), porém sequer são citadas nos Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) em grande parte das faculdades de Medicina pelo Brasil - e, quando estão, em sua maioria são ofertadas como disciplinas optativas. Essas práticas, bem como as espirituais, são partícipes no somatório de fatores que constroem a noção de bem-estar, sendo recursos aos quais incontáveis indivíduos recorrem, muitas vezes antes mesmo de buscarem o atendimento médico, constituindo, portanto, conhecimento salutar nas práticas em saúde.

Entretanto, embora o estudo da espiritualidade e da religiosidade sob a perspectiva do atendimento em saúde tenha ganhado força nos últimos anos, a vivência dessa prática ainda é diminuta em muitas escolas médicas. Possivelmente, ainda ocorre a fragmentação do paciente em suas várias dimensões - física, mental e espiritual - sob uma posição racionalista residual que perpassa pela prática médica desde o Iluminismo, no século XVIII. Tudo isso se soma, no caso de Maurício, a uma intolerância religiosa. Como se aproximar do ideal branco praticando uma religião essencialmente ligada à cultura afro-brasileira? E ainda, como lidar com a interposição espiritual das aparições e mensagens dos cadáveres - que acompanham o protagonista na faculdade, em casa (nos sonhos) e no terreiro - enquanto se tem de violar o sagrado dos corpos a fim de aprender Medicina? Diante das perguntas, distante das respostas, as percepções de Maurício ultrapassam os limites da anatomia e da faculdade, percorrendo toda a sua vida.

Mesmo envolvido por sua percepção de não pertencer àquele lugar, junto daquelas pessoas, Maurício se aproxima de alguns colegas de turma e faz deles amigos. O conflito, entretanto, é permanente nessa relação. Quando lhe oferecerem carona pela primeira vez - até então, Maurício sempre se deslocava de transporte coletivo - ele diz que não havia necessidade, que residia muito longe dali. Com a insistência dos colegas, ele acaba por aceitar, em uma “experiência de imersão” da branquitude na periferia. Domingos dirigia, e Suzana, dona do carro, pede que Maurício coloque as músicas que costuma ouvir. Ao chegarem à comunidade, ela expressa: “Não é perigoso aqui, não?”. Translitera-se, assim,

a concepção estereotipada, alimentada pela elite branca, de que os bairros periféricos vivem sob o onipresente domínio da criminalidade e da violência.

Ao questionar esses amigos, em outra ocasião, sobre o fato de todos os cadáveres serem negros, nitidamente percebe-se que isso não lhes havia chamado atenção. Indigentes, afinal, não se aproximam da grande maioria desses estudantes, que são de família branca e de classe média/alta. Em um dos trajetos em que Suzana levava Maurício para casa, ao se abandonar momentaneamente a alva bolha da escola médica, eles avistam mães de jovens negros se manifestando nas ruas pelo sumiço de seus filhos. Nasce, daí, o conflito central que se desdobrará nas atitudes de Maurício ao longo do filme. Ele, envolvido com essa situação, passa a tentar identificar, nas fotos e cartazes de tantas mães, a face de M-8. No dia seguinte, busca suporte para obter mais informações sobre o cadáver, ajudado por Iza, funcionária negra da faculdade, mas repudiado pelo prof. Djalma, branco (até no nome), responsável pelo laboratório de anatomia.

Ao visitar Suzana, em outra ocasião, que morava em um condomínio da elite carioca, Maurício é evidente, explícita e recorrentemente destratado. Logo que chegam, o porteiro, negro, vê com estranheza a presença do rapaz, também negro, dentro do carro da moradora, e a questiona, mais de uma vez, se tudo está bem. Ao chegarem na casa, Suzana se afasta por alguns instantes, e Maurício também é humilhado pela mãe dela (de nome Carlota, a própria monarquia brasileira), que faz a ele questionamentos sensacionalistas e capciosos, subentendendo, sempre, a sobrevalia da branquitude - e sua posse sobre a medicina. A seguir, a “doméstica” de Carlota vem ao encontro de Maurício, de forma ríspida. Ao tentar desenrolar uma conversa com ela, encontrando-se novamente na situação problema que percorre todo o filme (a da falta de identificação com outras pessoas negras nos ambientes que ocupa), não encontra espaço. Alguns instantes depois, inconsciente de estar sendo ouvida pelo rapaz, Carlota repreende a filha por sua companhia.

Em situação semelhante, mais tarde, Maurício é agredido por oficiais, ao sair da festa de aniversário de Domingos, que também vivia em região nobre da cidade. Em uma abordagem truculenta, “Tá dando mole, aqui ó, a essa hora da noite em bairro de playboy?” pergunta a ele um policial negro que, ao dizer “aqui ó”, esfrega a própria pele. Essas situações reforçam, inclusive, a própria cultura de preconceito reproduzida pelas pessoas negras que ocupam espaços de branquitude. O porteiro, a empregada, o policial. Todos negros reforçando em Maurício a noção de que ele não pertence àqueles lugares,

de que é um estranho. Ou de que apenas estará lá a serviço da branquitude, mesmo que isso o coloque contra seus semelhantes.

Os conflitos seguem, como quando Suzana leva Maurício de carro para a periferia, enquanto investigam a identidade de M-8, e, num momento de quase beijo, assusta-se com rapazes negros que passam correndo pelo veículo - sendo mais tarde confrontada por Maurício. O susto de Suzana denota um reflexo inconsciente do racismo, replicando-se em considerável parcela da população brasileira. Em outra ocasião, seguindo na problemática da inserção na periferia de quem a ela não pertence, Maurício e Domingos vão de ônibus até o hospital em que se constatou o óbito de M-8. Domingos, ao longo de todo o trajeto, encontra-se visivelmente desconfortável com a situação e com as pessoas que o circundam.

Apesar de todos os conflitos, seus amigos se juntam a ele nessa jornada de investigação e, a partir dela, aproximam-se e chocam-se raças e classes sociais vistas como opostas. Sob o manto pseudoprogressista e inclusivo da medicina, colocam-se a mobilizar seus brios e a vivenciar muitos de seus estigmas, como quando vão ao socorro de Maurício, jogado ao chão durante a violência policial.

Diante de uma das instituições policiais que mais mata e que mais morre no mundo (DE ARAÚJO, 2015), sob uma política de existência militarizada, esse é um dos quadros que mais se pinta nos noticiários - e nas vidas - brasileiros. Em 2019, 77% dos homicídios no Brasil foram contra pessoas negras, com uma taxa de homicídio de 29,2 a cada 100 mil habitantes - enquanto que, entre pessoas não negras, a mesma taxa foi de 11,2 (CERQUEIRA et al, 2021). Na cena, que choca, um dos guardas pisa no pescoço do jovem, o que inevitavelmente relembra o assassinato de George Floyd, em 25 de maio de 2020 (HILL, 2020), e da frase que estampou todas as manchetes pelo mundo: “I can’t breathe” (“Eu não consigo respirar”, em tradução literal). Retrato nítido do permanente sufocamento racial, seja literal e letal, como no caso de Floyd, seja figurado, como na perseguição dentro de supermercados, rejeição no mercado de trabalho, entre outros.

O assassinato de Floyd, próximo à data que seria a do lançamento oficial do filme, adiado para dezembro por conta do fechamento dos cinemas devido à pandemia, deu início a uma série de protestos nos EUA, onde ocorreu o assassinato, mas também no mundo (MILARÉ, 2020). No Brasil, as manifestações ocorreram em quase todos os estados, arrastando-se por meses (UOL, 2020).

Ambos os eventos, tanto na perspectiva de Maurício quanto na de George Floyd, vinculam-se total e completamente à existência dos cadáveres de pele negra tão centrais no filme. Esse “sintoma” sinaliza o triste cenário da necropolítica, definida por Achille Mbembe (2018) como o poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer - neste caso, delineia as recorrentes mortes de jovens negros da periferia no Brasil e no mundo sob um violento sistema de repressão e de racismo de Estado.

Enterrar M-8 passa a ser a despedida de dezenas de mães da periferia carioca. Talvez de centenas de milhares de mães brasileiras (BETIM, ALMEIDA; 2020). E, diante disso, questiona-se: quem protagoniza essa história?

Maurício, M-8, a Medicina, a periferia, o Rio de Janeiro, ou o racismo estrutural?

E quem pode mudá-la? Será papel da graduação em Medicina, da Universidade, transformar-se a fim de transformar a realidade?

O grafite de Marielle, pano de fundo para o trajeto de Maurício para ida e de volta da faculdade não é desprezioso. Marielle sempre se faz presente, representando o combate ao genocídio negro. Que perpassa por toda a sociedade, na cultura, na saúde, na educação.

Sob gritos de vidas negras importam e eu não consigo respirar, diante do assassinato de crianças e adultos negros, M-8 transporta o debate da periferia para a “alta sociedade” da classe médica brasileira.

Que essa cruel realidade protagonize, ainda, muitos outros filmes.

Até que eles não sejam mais necessários.

REFERÊNCIAS

BERALDO, LÍLIAN. **Quase 57 mil recém-nascidos foram registrados sem o nome do pai.** ARPEN-BRASIL, 11 de maio de 2022. Disponível em: <https://arpenbrasil.org.br/quase-57-mil-recem-nascidos-foram-registrados-sem-o-nome-do-pai/>. Acesso em: 30 de julho de 2022.

BETIM, Felipe; ALMEIDA, Julio Cesar. “Os negros mortos são números, eles não têm nome”: as vozes contra o racismo que mata no Brasil. **El País**, São Paulo, 14 de maio

de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-05-14/os-negros-mortos-sao-numeros-eles-nao-tem-nome-as-vozes-contr-o-racismo-que-mata-por-chacina-fome-ou-covid-19-no-brasil.html>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/ CES nº 3, de 20 de junho de 2014** - Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de Junho de 2014 – Seção 1 – pp. 8-11.

CERQUEIRA, Daniel. et al. **Atlas da Violência**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2021.

DE ARAÚJO, Thiago. Polícia brasileira é a que mais mata no mundo, diz relatório. **Exame**, São Paulo, 08 de setembro de 2015. Disponível em: <https://exame.com/brasil/policia-brasileira-e-a-que-mais-mata-no-mundo-diz-relatorio/>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

HILL, Evan; et al. How George Floyd Was Killed in Police Custody. **The New York Times**, New York, 31 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/05/31/us/george-floyd-investigation.html>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf?fbclid=IwAR2ZQEhrnmq78P9dBVw-LclC3p7FvXlcmmovecj8kXLjv2ZhI-_kUyz287Jk. Acesso em 30 de julho de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), **Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira - 2021**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101892.pdf>. Acesso em 30 de julho de 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA), **Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça** - 4ª edição. Brasília, 2011. Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1289

3. Acesso em 30 de julho de 2022.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 1 ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MELO, Marina Luciana Abreu de; GUIMARÃES, Eduardo Vieira; SILVA, Ernani Clarete da. Programa Culturando: uma ponte entre Academia e Sociedade. **Extensão em Foco**, [S.l.], n. 19, jul. 2019. ISSN 2358-7180. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/64913>>. Acesso em: 24 jun. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/ef.v0i19.64913>.

MILARÉ, Gabriel. **Caso George Floyd: o estopim do #BlackLivesMatter**. Blog do QG, 08 de junho de 2020. Disponível em: <https://blog.enem.com.br/caso-george-floyd-o-estopim-do-blacklivesmatter/>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

VELASCO, Clara; TEIXEIRA, Milena. **Mães negras e solteiras sofrem mais com falta de saneamento e carências nas casas**. G1, São Paulo, 06 de março de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/03/06/maes-negras-e-solteiras-sofrem-mais-com-falta-de-saneamento-e-carencias-nas-casas.ghtml>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

Sem autor: **Movimento 'Black Lives Matter' apoia protestos no Brasil e critica Mourão**. UOL, São Paulo, 21 de novembro de 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/11/21/movimento-black-lives-matter-apoia-protestos-no-brasil-e-critica-mourao.htm>. Acesso em: 03 de outubro de 2021.

Recebido em: 24 de junho de 2022.

Aceito em: 31 de agosto de 2022.